



Campos Lima

A GAFANHA

Esta é a ditosa patria minha amada.

CAMÕES.


N.º 1


Avulso 30 réis



LISBOA

1909

A GAFANHA

Esta é a ditosa patria minha amada

Camões.

POR

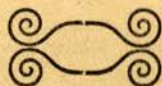
CAMPOS LIMA

N.º 1

Summario: — Em que se dizem duas palavras de prologo — A profundeza dum artigo de fundo. Portuguezes e hespanholas. Dois reis que se encostam um ao outro para não cahirem. Alvitra-se uma solução a um futuro rei desthronado. — A proposito dum casamento conta-se um conto. De como o snr. D. Manoel se parece com um

Composto e impresso na «Typographia Minerva», de Gaspar Pinto de Souza & Irmão, Villa Nova de Famalicão

canario.—A questão politica em
portugal é uma questão de hy-
giene publica.—As galanterias
dum ex-matador de toiros.



DESDE que falleceram os srs. Ramalho Ortigão e Fialho d'Almeida que nesta vinha laboraram com esmero e galhardia, esmurrando com decidido empenho as ventas a quem passava, a critica tem andado de mão em mão. E nesta roda da sorte chega-me ás minhas descolorida, já sem o brilho e a pujança d'aquellas vigorosas arrancadas dos mestres. Pela penna do Ramalho cortava ella fundo, espetando, ferindo, farpeando. Pela penna do Fialho bufava, esgatanhava com as suas unhas felinas até fazer sangue. Abandonada por elles, deixada pelo Fialho, por exemplo, em vez de assanhada como os gatos passou mas foi a andar de gatas. E das farpas do Ramalho, despedidas com violencia, não ha senão uma recordação. Arranhões profundos e crueis, chagas abertas, tudo já cicatrisou.

Quando o Ramalho morreu e quando morreu o Fialho, e sobretudo quando lhes vi o enterro, atravez da cidade, com os archeiros da casa real á frente, ladoado pela municipal, chorados ambos pela rainha, cantados em doiradas estrophes pelo poeta João Saraiva e elogiados do Brazil em artigos pomposos tarjados de negro, o que eu chorei não foram aquellas duas carcaças, já inuteis, a caminho do monturo, mas o que depois d'essas paginas febris, d'um altissimo e profundo sentimento, repassadas do espirito da nossa raça, não mais tornará a ser escripto.

Um, forte e espadaúdo, respirando saude por todos os poros, mostrava o rijo arcaboiço na propria cri-

tica. Quando batia era em pancadas certas, pausadas com a serenidade dos que não temem; quando esclarecia era em espadanadas tremendas que atirava a luz.

O outro, mais irrequieto, de sangue mais exaltado, ia d'outro modo. Na sua critica retorcia-se um temperamento insatisfeito, que por vezes a paisagem conseguia amansar ou embebedar nos seus efluvios capitosos de luz e de côr. Mais poeta do que moralista, o seu desespero nascia mais do desequilibrio entre o seu senso esthetico e a imperfeição da vida do que de uma larga aspiração de justiça. No fundo homem ardente, amigo do sol e da natureza bravia. O seu trabalho é feito em estremeções, queimando os nervos, pulverisando o cerebro. Não foi um escriptor methodico, com uma obra compacta e racciocinada, mas por isso mesmo elle foi por vezes superiormente artista. E a sua palavra nervosa e cantante ha-de vibrar para sempre na nossa sensibilidade, por mais embotada que ella nos ande pela chateza d'esta vida mesquinha e triste.

Lá estão ambos dormindo o somno eterno, embalados pelo ramalhar lento dos cyprestes, entre conselheiros e commerciantes, na igualdade a que a morte a todos reduz. E ninguem que poise o olhar na pedra musgosa d'aquelle jazigo será capaz de advinhar que alli se consomem os restos dos que em vida foram dos maiores e dos mais illustres. Sobre a lapide até o nome se lhes apagou ..

E no entanto como ainda hoje se precisava d'elles!
Do Portugal do sr. D. Luiz ao Portugal do sr. D. Ma-

nuel não se andou nem um passo. O mais que se conseguiu foi, de se estar sempre no mesmo sitio, o descer mais fundo na lama. Verdadeiramente bastaria talvez reeditar os *Gatos* ou publicar de novo as *Farpas*, se os mesmíssimos 80 a 90% de aualphabetos se resolvessem a aprender outro A B C que não fosse o d'alli do theatro Avenida. Os vicios sam os mesmos o até é o mesmo, ao cabo de cincoenta annos de vida immaculada, o sr. José Luciano de Castro Não o viram ainda hontem vir declarar que pagava honestamente as suas contribuições ao estado? Por toda a parte a mesma falta de character e de convicções, vassias as bolsas e as almas, e por baixo de todos os biltres e todos os ratoneiros da politica, estendido ao cumprido, paciente, resignado, o mesmo Zé Povo do *Antonio Maria*.

Mas se nem a todos é dado fazer a critica com expressão brilhante, em que os erros e os defeitos mais parecem um pretexto para a producção artistica do que factos condemnaveis e a excalpelisar, a qualquer é licito erguer a voz, fazer um gesto, protestar. E' ao que eu venho.

A Gafanha, meus caros senhores, não é senão esta boa terra de mesquinharias e de toleimas, a fingir de nação da Europa e que nem ao menos por decoro anda de tanga. *A Gafanha* é a «piolheira», onde só é gente o sr. Burnay. *A Gafanha* sam os padres do «Portugal», é a intentona, é a juventude monarchica, é a barriga do sr. Alpoim, a chefia do sr. Vilhena, a lei de 13 de fevereiro, a belleza do sr. D Manuel, o «Vasco da Gama», o discurso da coroa, a chalaça do sr. Ferreira do Amaral e os adeantamentos. *A Ga-*

fanha é esta terra de cegos, onde não havendo ao menos quem tenha um olho para ser rei, por esse facto se pensa em fazer a republica.

Pois não é verdade que só na *Gafanha* se podia passar tudo isto?...

12 de fevereiro.

Substanciosamente discreteava em fundo ha dias o «Seculo» sobre a visita de Affonso XIII a D. Manuel II, o sympathico. Velho padre mestre, de cabello já grisalho, entra a desfiar aquella conversa de rapazes, que o sam apesar de reis. E em vez de pôr o de cá a perguntar ao outro pela Lola e a Concha, como seria natural naquella idade, erige os dois moços em arbitros dos destinos da peninsula e fa-los pactuar, entre duas taças de champagne, a confederação iberica.

Para muito portuguesinho valente esse facto não seria senão a nossa aproximação das hespanholas e de admirar não era que fosse tratado por D. Manuel, homem novo ainda e dos poucos reis que temos tido com cara de portuguez. Mas não é assim. Por fórma nenhuma Sua Magestade desconsideraria tão profundamente as damas das varias ligas que se estendem por este paiz fóra e nem Affonso XIII se prestava a esse papel. A União Iberica é uma coisa muito mais interessante.

O «Seculo» o informa. Portugal, unido á Hespanha, aproveitaria das vantagens d'uma incorporação num grande paiz, conservando a sua autonomia. Encostados aos visinhos, voltariamos a botar figura e es-

perariamos que a America se perdesse para a descobrirmos outra vez. Lá nos viria de novo o Brazil e para a Hespanha, coitada, sempre lhe arranjaríamos o Mexico.

Tudo isto assim poderia ser se os reis não andassem ao invéz dos desejos do povos. Nós os subditos é que pensamos assim. Esquecemos o amo; o futuro para nós é o nosso futuro e entendemos que é para nós e por nós que os reis devem trabalhar. Mas elles, os marotos dos reis, nem sequer se lembram de que nós existimos. O seu ideal é reinar, segurar-se no throno e este genero de allianças significa sempre um receio de trambulhão. Verdadeiramente pois a união iberica seria uma especie de sociedade de socorros mutuos para garantia de dois thronos a estalar. Na situação em que os dois paizes estão actualmente, a passagem de tropas de lá para cá ou de cá para lá levantaria complicações diplomaticas, que é possivel se removessem melhor se os dois estados estivessem confederados, apesar de a situação juridica creada em direito internacional ser equivalente áquella em que estam hoje.

Mas, profundo e substancioso «Seculo», isso não póde ser! A propria diplomacia seria a primeira a dar o alarme. Não convém ao concerto das nações, como se diz nas sebatas do perfumado dr. Villela, o apparecimento d'uma nova potencia. E é assim provavel que a união iberica não passe d'um sonho... de reis encravados.

Mas não se desconsolle o sr. D. Manuel, se acaso perder o throno, facil lhe será conseguir que o sr. dr. Bernardino Machado divida com Vossa Magestade, ás semanas, a presidencia da republica.

24 de fevereiro

A imprensa esclarece o publico sobre a entrevista das jovens Magestades em Villa Viçosa. Trata-se, segundo as gazetas, do casamento do sr. D. Manuel.

Ora, a proposito de casamentos, deixem-me contar-lhes uma historia. Naturalmente os senhores não conhecem o José Maria. Nem admira, o José Maria nunca foi politico e numa terra onde só a politica faz destacar os homens o José Maria estava condemnado a ficar obscuro. Tambem o não conhecem de relações, que o José Maria não frequenta a sociedade, vive pelas alfurjas o tempo que lhe sobra das doze ou quatorze horas de trabalho que lhe exigem todos os dias. O José Maria, meus caros senhores, é pois muito simplesmente um honesto operario, que vae gastando miseravelmente a sua vida de sacrificio sem esperança d'um futuro melhor, ao lado de muitos de V. Ex.^{as} que vivem alegremente á custa do esforço d'elle e dos outros.

Pois o José Maria é casado e tem quatro filhos. O desvergonhado tem quatro filhos. Naturalmente os senhores não perdoam ao pobre homem este luxo de ter quatro filhos. Pois tem-nos, sam muito d'elle, ao contrario do que succede com alguns dos senhores que não teem a certeza de serem paes dos seus. Pois esta coisa de ter quatro filhos tem este inconveniente: é serem mais quatro boccas a pedir pão. E o José Maria sabe bem o que isso custa, na sua vida de besta de carga, moirejando todo o santo dia para lhes enganar a fome a elles.

Vive em Alcantara numa viella escura e suja,

num casebre mais escuro ainda, onde o ar e a luz não teem licença de lá entrar. Uma cosinhita e dois quartos; num dorme elle e a consorte, no outro a manada dos filhos. De dia fica a mulher a fazer o comer para todos, elle vae para o trabalho e a pequenada vae para a rua, a unica escola que conhece. Assim se passam semanas e mezes inteiros, na mesma tristeza, a mesma falta de gosto pela vida, a mesma infelicidade negra e desconsoladora.

Houve porém um dia uma pequena alteração, um facto imprevisto naquella familia de desgraçados. Uma manhã, ao descerrar da janella, batendo as azitas doiradas, irrompeu pela casa dentro um lindo canario de penas sedosas e cabeça redonda vindo poisar, estonteado pela escuridão do interior, sobre o hombro do José Maria. O operario apanhou-o na sua mão calosa e felpuda. E logo a petizada se acercou garrulando, batendo palmas, numa alegria esfusiante a que aquellas quatro paredes não estavam habituidas.

José Maria, teve o impeto generoso de lançar o passaro pela mesma janella por onde entrara, a unica da casa. Mas na verdade pouco valeria o seu acto: em liberdade o canario nada aproveitaria, como pobre despaizado incapaz de prover ás necessidades da vida; de resto outros o apanhariam. E convenceu-se menos talvez por estas razões do que pela gritaria que os filhos fizeram ao vê-lo estender o braço para arremessar a ave para fóra. Seria afinal a alegria da casa, com a musica do seu canto, a unica alegria da casa.

Mas... Os pobres, mesmo nos mais pequenos ideaes,

teem sempre um mas... Mas era preciso fazer uma despeza, comprar uma gaiola. Representava isso no orçamento de José Maria um desiquilibrio. A mulher, com os olhos nas creanças, procurou convence-lo:

— Antes nisso do que na botica.

— Mas é que isto não nos livra da botica — acrescentou elle sombriamente.

Mas os pequenos cercaram-no, beijaram-no, enter-neceram-no. Bem, comprar-se-hia a gaiola. E lá foram mais uns tostões roubados ao alimento da familia.

Desde então houve mais um a comer em casa. Os senhores riem-se, por que não sabem que aquelles vintens de painço tambem fazem differença numa casa como a do José Maria. O operario ganhava um salario miseravel e só poupando todas as migalhas se poderia conseguir o prodigio de não morrerem todos á fome. O canario pois, naquella casa de pobres, passou a ser tambem — uma despeza.

Faltava um vintem ou dois para completar uma conta, para se comprar uma coisa de necessidade e logo, sem querer, o José Maria pensava: «deixei de fumar e arrangei agora isto do canario». O canario pois naquella casa de pobres, passou a ser tambem — um vicio.

Mas o que era para desesperar é que o passaro não cantava. Muito monosinho, coitado, bicando as grades da gaiola, parecia mergulhado numa grande tristeza solitaria. E a mulher disse um dia ao José Maria:

— O que elle quer é femea. Assim nunca chega a cantar. E' preciso casá-lo.

Estabeleceu-se em casa uma certa desordem. Os

pequenos reclamavam que acasalassem o canario e na sua infantilidade davam as rasões da sua innocencia: «que era mais bonito dois». O pae protestava: teria de fazer despeza para comprar a femea, depois gastava-se mais painço. Mas por fim o dispendioso casamento foi decidido e veiu de longe d'um bairro distante, comprada na Praça da Figueira, a esbelta noiva, de cabecita revolta e modos petulantes, que entrou a alegrar o casebre com a sua desenvoltura. E' passado tempo era nm encanto ouvir o trinado dos passaros, no seu poema d'amor.

Mas com a felicidade do canario coincidiu a infelicidade do José Maria. O trabalho abrandára na fabrica e o patrão, que já de ha tempos vinha reduzindo uns dois dias de trabalho na semana, resolveu fazer laborar as officinas por turnos de operarios. Equivalia a uma suspenssão de trabalho. Na semana que então entrava o José Maria não trabalhava.

Não quiz dizer nada em casa, para não atarantar a mulher, demais a mais outra vez grávida e a quem podia fazer mal a triste noticia. Recozeu o caso comsigo, na esperança de até ao sabado conseguir por conta de trabalho futuro, arranjar do patrão alguns magros vintens. E' assim foi passando os dias, fóra de casa, errando ao acaso, desconsolado e triste.

Chegou o sabado e com elle morreu a sua esperança. O patrão não o attendeu. Teria de entrar em casa sem nada! Pelo caminho, como atordoado, foi remoendo o seu caso: era o fim da semana, o dia de pagar na mercearia; ir-se-hia embora o credito. A miseria apparecia-lhe com todas as suas terriveis côres. Ao passar pela margem do Tejo apeteceu-lhe re-

messar-se á agua, acabar. Lembraram-lhe os filhos, a mulher, toda a desgraça d'elles, que elle não remediava assim. Sentiu estremecer então em todo o seu ser um impeto de revolta. Ergueu o braço forte, de punho crispado para a cidade que se estendia ao longo do rio, e que começava a illuminar-se. Em algumas d'aquellas casas havia risos, alegria, mocidade, belleza, amor. E elle alli ia, estropeado, inutil, sem direito a partilhar da felicidade dos outros. Em casa esperava-o a desolação e dentro em pouco a fome. Encostou-se a uma arvore, procurou cobrar animo, serenar e pensar a frio na sua situação, era preciso sobretudo não desesperar. Considerou então que poderia ainda tentar um esforço no dia seguinte, recorrer a um amigo para arranjar algum dinheiro, entretanto iria para fóra de Lisboa procurar trabalho fôsse no que fôsse. O principal era passar essa noite e o dia seguinte. Naturalmente em casa não haveria de comer. Era o costume, á noite todos os sabados se esperava por elle, para se poder fazer alguma coisa com o dinheiro que elle levasse. Só com a ideia, accentuou-se-lhe mais a fome. Lembrou-se d'umas moedas de cobre que vira ainda sobre uma meza. Sempre daria para um pão...

Entrou em casa. A mulher, cheia de sobresalto, advinhou. O José Maria deixou-se cahir na beira da cama, com a cabeça perdida, desalentado. Do alto o canario fez ouvir a sua voz tiubrada e alegre, esfuçando em notas de crystal o seu amor feliz. E elle então disse:

— Vê se mandas comprar um pão. Eu não trago nada!

A mulher não falou logo. Poz-se a olha-lo doloridamente, cheia de tristeza e de desgosto. Depois, olhando num grande desespero os filhitos que se lhe arrumavam ás saias :

— Não tenho dinheiro. Gastei ha pouco, porque podia esquecer-me e amanhã não abrem as lojas, o ultimo que tinha em painço para o canario.

Passou-lhe então a elle ante os olhos uma onda de colera. Ergueu-se terrivel no meio da casa, levantou o braço felpudo e rijo e, arrancando com violencia a gaiola, espedaçou-a contra a parede num gesto louco de desespero. No impeto a gaiola abriu-se e os canarios voaram pela unica janella que existia e por onde quasi não entrava o ar e a luz naquella casa de desgraça.

Este D. Manuel que agora se casa faz-me, não sei porque, lembrar muito aquelle canario feliz soltando a alegria crystalina do seu canto no meio d'uma familia pobre e triste. Oxalá não pense o povo, num dos dias da sua fome, na despeza... do painço.

1 de março.

Dizem-me que está quasi demissionario o ministerio. Confesso que o facto me interessa mediocrementemente. Um ministerio a mais em terra, desde que o caso não corresponde nem a um movimento de opinião, nem significa a abolição do banditismo politico, é para todos os effeitos um caso indifferente. Apesar de tudo, elle dá o pretexto para um commentario alegre, e já que aquelles cavalheiros para nada serviram, que nos

dêem ao menos um motivo para risota, com o seu ar estafado de *chêchés* passeando o seu carnaval politico.

Na verdade que vinha a ser este ministerio senão uma brincadeira de entrudo? O rei, á falta dos soldados de chumbo, quiz arranjar um ministerio de pau. D'alguns dos ministros se dizia que eram de madeira tão rija, que nem mil seculos de evolução eram capazes de transformar em materia consciente...

Não sei se teem reparado numa coisa. Em Portugal em quasi todas as industrias e trabalhos de responsabilidade technica ha estrangeiros. Ha só uma coisa para que não ha portuguez que se não sinta habilitado: é para ser ministro.

Ponham-lhe agora por cima um rapasola de 18 annos a fazer a escolha e vejam a preciosa collecção que aquillo dá. Se me dam o rapaz e a collecção, eu prometto enriquecer a mostra-los pelos circos da Eúropa e da America. Talvez pedisse tambem o Ferreira do Amaral para entreter o publico com duas palhaçadas, emquanto eu reprehendia o Espregueira por não fingir ao menos que se envergonhava ao ouvir chamar-lhe ladrão.

Este ministerio, organizado com toda a trapagem politica que se poudé arranjar pelos ferros-velhos, foi tudo quanto a monarchia do sr. D. Manuel e da sr.^a D. Amelia conseguiu apresentar á luz do sol como medida do muito que ha a esperar ainda do throno. Decididamente tem rasão o Dr. Bernardino em se ficar á espera de que aquillo caia por si. Tem só o inconveniente de se gastar depois o dinheiro todo com os desinfectantes. Porque a verdade é que a monarchia já nos não irrita, produz-nos uma outra impres-

são, também desagradavel mas differente, — cheira-nos mal. E quando por ahí se reclama a republica quer isso dizer simplèmente que se pede uma vassoura e a carroça do lixo.

6 de março.

Informam as «Novidades» que Mazantini, o ex-matador de toiros, chegou de Madrid a Lisboa para vir oferecer ao sr. D. Manoel a espada com que matou o ultimo toiro.

Naturalmente, no paço, o acto obriga á musica da Gran-Duqueza e a *travesti* apropriado. Deve ser commovente aquella entrega do ferro, que de tão longe, tinta no sangue dos brutos, vem ser perante um rei uma manifestação de homenagem carinhosa.

Antigamente abatiam-se as espadas, deante de certas pessoas, significando cortezmente consideração e estima. O acto tinha esta traducção, correntia e muito comprehensivel: «perante vós depomos as armas, contra vós d'ellas nos não serviremos».

Isto dizia respeito, está claro, ás espadas dos batalhadores e comprehendia-se. Mas que aos pés d'um rei se deponha a espada dum toureiro, sobretudo quando esse rei está para se casar, é que ou não se comprehende ou, a comprehender-se, em vez duma galanteria, reduuda numa inconveniencia: «perante vós deponho esta espada, contra vós d'ella me não servirei».

Os pobres dos reis aturam ás vezes, coitados, grandes madrezas. A do sr. Mazantini, que se enfastiou de matar toiros e lhe vem trazer o estoque não é das

mais pequenas. Não sabemos se Sua Magestade, respeitando as inclinações do seu defuncto pae tem o amôr á arte e não verá no offercimento do toireiro senão uma prova de consideração e deferencia. Não temos nada com as predilecções de Sua Magestade pelo estoque seja de quem fôr; esperamos, comtudo, que a monarchia nova, que já fez fusilamentos de creaturas que andam com as mãos pelo ar, não permiará a ideia do toireiro restabelecendo tambem a pena de morte... no Campo Pequeno. Já que não ha respeito pela vida das pessoas, haja-o ao menos pela dos brutos.





**Esta publicação é paga por numero,
no acto da entrega, a 30 réis.**

**Envia-se pelo correio a quem pa-
gar adiantadamente, em series de 10
numeros, (300 réis).**

**Acceitam-se agentes na provincia
para a distribuição e cobrança.**

**Recebe-se toda a correspondencia
e podem requisitar-se exemplares na
Rua do Ouro, 149 2.º—LISBOA.**

